

Bancos dos EUA aumentam reservas, prevendo calote.

O Security Pacific e o American Express, dois dos maiores bancos norte-americanos, anunciaram ontem o aumento de suas provisões para fazer frente a um possível não recebimento de seus créditos no Terceiro Mundo. Cada um deles acrescentará US\$ 350 milhões a suas provisões, elevando para 54% (Security Pacific) e 60% (American Express) a proporção dos créditos tidos como não confiáveis e portanto cobertos por reservas, em relação ao total dos empréstimos a países endividados. Ao que se saiba, é a primeira vez que um grande banco coloca seus créditos duvidosos acima da barreira dos 50%.

Segundo especialistas nos meios financeiro, cinco pequenos bancos norte-americanos acabam de aumentar suas provisões pelos mesmos motivos: O First Wisconsin (em US\$ 40 milhões), o Midlantic

(US\$ 25 milhões), o Huntington Rancshares (US\$ 25 milhões), o Signet Ranking (US\$ 21 milhões) e o Indiana National (US\$ 21 milhões).

Especula-se que decisões como as do Security Pacific e do American Express poderão ser seguidas por mais alguns grandes bancos mas não deverão generalizar-se caso em que haveria grandes perdas. É sabido também que os bancos dos EUA não viram com simpatia a atitude do governo norte-americano, de respaldar o plano de securitização da dívida mexicana, pois acreditam que este programa afetará seus resultados financeiros.

Em 1987, o American Express já havia reduzido os seus empréstimos ao Terceiro Mundo de US\$ 2,4 bilhões para US\$ 1,5 bilhão; neste processo, US\$ 160 milhões foram capitalizados, inclusive os US\$ 55

milhões investidos num projeto petroquímico brasileiro.

Londres: discussões.

Os bancos ingleses com maior volume de dinheiro emprestado aos países do Terceiro Mundo — Midland, National Westminster, Barclay's e Lloyd's — estão discutindo o que fazer diante da decisão tomada pelo Security Pacific, informa de Londres o nosso correspondente **José Carlos Santana**.

A atitude do Security Pacific foi manchete da seção econômica do jornal **Evening Standard**, cujo editor chama a atenção para o fato de a decisão do banco ter coincidido com as negociações para transformação de parte dos débitos do México em títulos, com uma perda substancial no valor do capital dos credores, e também com o endure-

cimento da posição do Brasil em relação ao problema da sua dívida externa.

A maioria dos bancos britânicos envolvidos com a dívida da América Latina seguiu o exemplo do Citicorp e, em meados do ano passado, elevou suas provisões para 30% do dinheiro emprestado. O jornal diz que, como aconteceu em 1987, o National Westminster deverá ser o primeiro a imitar o Security Pacific, e que o Lloyd's e o Midland talvez tenham dificuldades para acompanhá-los.

Finalmente, o Standard comenta que o Banco da Inglaterra (banco central britânico) não permite que os bancos incluam na liquidez os três bilhões de libras das provisões criadas no ano passado, e que reforçá-las, como o fez o Pacific, seria aumentar ainda mais a pressão sobre os seus capitais.